

Code-Switching na fala de polono-brasileiros de Áurea/RS Code-Switching in the speech of Pole-Brazilians in Áurea/RS

Marcelo Jacó Krug*
Cristiane Horst**
Fernanda Fátima Wepik***

RESUMO: Com o presente estudo tem-se como objetivo descrever e analisar casos de *code-switching* na fala de polono-brasileiros no município de Áurea/RS. Para tanto, os exemplos de fala dos participantes da pesquisa são analisados à luz das ideias de Poplack (2004); Appel e Muysken (2005); Lüdi (2004); King e Mackey (2007); Muysken (2007, 2011); Macswan (2004); Myers-Scotton (1998); Hamers e Blanc (2004), entre outros, que teorizam o fenômeno do *code-switching*. Compreende-se *code-switching* como o uso de mais de um idioma durante um único evento comunicativo. Constatou-se ser um fenômeno recorrente na fala dos indivíduos bilíngues observados no local pesquisado, Áurea/RS, que se destaca por apresentar um grande número de descendentes de imigrantes poloneses e pelo título de “Capital Polonesa dos Brasileiros”. Os exemplos apresentados neste trabalho são falas de mãe (74 anos) e filha (49 anos), nas variedades polonesa e portuguesa do local, gravadas e anotadas em caderno de campo a partir da observação de conversas espontâneas e informais, em ambiente familiar. Devido à escassez de estudos linguísticos relacionados à variedade polonesa local, este estudo torna-se relevante, pois além de mostrar que a variedade é usada na localidade pesquisada, destaca ocorrências de *code-switching* que são recorrentes nas situações de contato linguístico.

ABSTRACT: This study aims to notice and describe cases of code-switching in the speech of Pole-Brazilians in the county of Aurea / RS. In order to do that, the participants’ speech examples are analysed in the light of the ideas of Poplack (2004); Appel e Muysken (2005); Lüdi (2004); King e Mackey (2007); Muysken (2007, 2011); Macswan (2004); Myers-Scotton (1998); Hamers e Blanc (2004), among others, who write about the phenomenon of code-switching, which is the use of more than one language during a single communication event. We could observe that this is a recurring phenomenon in the speech of bilingual individuals, which was observed in Áurea/RS. This city stands out for the large number of Pole immigrants’ descendants and for the title of “Brazilians’ Polish Capital. The examples presented in this study come from a conversation in Polish and Portuguese varieties between a mother (74 years old) and a daughter (49 years old). We registered the examples in the fieldwork notebook from the observation of spontaneous and informal conversations in a domestic environment. Due to the absence or even lack of linguistic studies related to the local Polish variety, this study, perhaps a pioneer study, becomes relevant, because it not only proves that people speak the variety in the city but also highlights the occurrence of code-switching events, which are recurrent in situations of language contact.

* Professor Dr. no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e no Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS.

** Professora Dra. no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e no Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS.

*** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. Bolsista Capes.

PALAVRAS-CHAVE: *Code-switching*.
Contato linguístico polono-português.
Bilinguismo.

KEYWORDS: *Code-switching*.
Polish-Portuguese Language contact. bilingualism.

1. Introdução

Com o presente estudo pretende-se trazer à luz casos de *code-switching*¹ na fala de polono-brasileiros do município de Áurea, no norte do estado do Rio Grande do Sul, a partir da descrição e exemplos do contato linguístico de uma variedade polonesa e da variedade portuguesa, lá existente. A maioria dos autores aqui apresentados define o *code-switching* como sendo o uso de mais de um idioma durante um único evento comunicativo (HAMERS; BLANC, 2004; MUYSKEN, 2011; MYERS-SCOTTON, 1998; MACSWAN, 2004; LÜDI, 2004; POPLACK, 2004). A esse uso precisa-se acrescentar fatores linguísticos e extralinguísticos, pois acredita-se que tanto o domínio da variedade, quanto em quais dimensões e circunstâncias ela é utilizada vai depender geralmente de fatores como grau de bilinguismo de cada grupo ou até mesmo, de cada indivíduo, do prestígio das variedades em contato e do conhecimento que os indivíduos têm dos temas a serem abordados. Um exemplo bem comum, em se falando de variedades de imigração, é a inexistência de vocabulário específico envolvendo as novas tecnologias. O local onde se encontram os indivíduos e se estes pertencem ao mesmo grupo ou não, também são fatores determinantes para o uso ou não do *code-switching*. Assim, a partir de observações de uso das variedades linguísticas polonesa e portuguesa de indivíduos da comunidade de Áurea, acredita-se ser possível fazer um apanhado ilustrando o fenômeno do *code-switching* daquela comunidade o que também é de fundamental relevância para os estudos linguísticos e de contato de línguas.

Destaca-se que o local escolhido para a pesquisa é pertinente, pois, localizado no norte do Rio Grande do Sul, o município de Áurea se destaca por apresentar um grande número de descendentes de imigrantes poloneses, cujos pioneiros chegaram a partir de 1906, e atualmente, seus descendentes constituem 92% da população do município recebendo por isso, em 1997, o título de Capital Polonesa dos Brasileiros.

Como embasamento teórico, serão brevemente apresentadas as ideias de Poplack (2004); Appel e Muysken (2005); Lüdi (2004); King e Mackey (2007); Muysken (2007, 2011);

¹ No presente trabalho optamos por não utilizar o termo “alternância de código” do português e sim, pelo termo *code-switching* do inglês, por entendermos que o termo em inglês tem um significado mais preciso.

Macswan (2004); Myers-Scotton (1998); Hamers e Blanc (2004), dentre outros, que além de conceitualizar o termo *code-switching*, propõem classificações, diferenciam o *code-switching* de *code-mixing* e, ao mesmo tempo, convergem em alguns e divergem em outros aspectos.

Inicialmente serão destacados alguns aspectos teóricos sobre o *code-switching* e sobre o bilinguismo, seguindo com a contextualização do estudo, a descrição dos participantes da pesquisa e, posteriormente, a exemplificação de *code-switching* e *code-mixing* a partir da amostra observada. Poplack (2004) ressalta que o *code-switching*, com seus fatos intrigantes, incitou muitas teorizações e pouca atenção foi dada para confrontar as teorias com o uso de duas ou mais línguas no contexto bilíngue. No presente estudo apresenta-se exemplos a partir de dados de fala nas variedades polonesa e portuguesa, gravados e anotados em caderno de campo, a partir da observação de conversas espontâneas e informais, em ambiente familiar².

2. Aspectos teóricos: breve conceitualização do termo *code-switching*

O *code-switching*, segundo Lüdi (2004) é uma forma de comportamento frequentemente observada em muitos falantes bilíngues, em que duas ou mais variedades são utilizadas em uma única conversa. Esse mesmo conceito, de que o *code-switching* é a utilização alternada de duas ou mais línguas em uma mesma conversa é defendida pela maioria dos autores, entre eles Hamers e Blanc (2004); Muysken (2011); Myers-Scotton (1998); Macswan (2004); Lüdi (2004) e Poplack (2004).

O fenômeno do *code-switching*, desde os anos 1970, tem recebido considerável atenção empírica e teórica. Atualmente, muitos autores, entre eles Myers-Scotton (1998), defendem que o *code-switching* envolve falantes proficientes, que têm capacidade de produzir discursos bem formados nas línguas ou dialetos envolvidos, ou seja, conseguem projetar sistematicamente, de forma gramatical, de acordo com as normas de suas línguas. Dessa forma, também King e Mackey (2007) destacam que ser capaz de realizar o *code-switching* com sucesso significa que “o falante tem a compreensão gramatical detalhada de ambas as línguas, incluindo o que pode e o que não pode ser feito em ambas”³ (KING; MACKEY, 2007, p. 194).

² A presente pesquisa faz parte do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira e tem aprovação no CEP da Universidade Federal da Fronteira Sul, sob número do CAAE 20380713.2.0000.5564

³ No original: “the speaker has a detailed grammatical understanding of *both* languages, including what can and can’t be done in *both*.”

A partir desses conceitos é possível perceber que o *code-switching* corresponde ao uso de duas línguas ou variedades por falantes bilíngues na mesma situação comunicativa. Dessa forma, cabe aqui retomar alguns conceitos importantes sobre o bilinguismo e sobre o que é um indivíduo bilíngue.

2.1 - Bilinguismo e indivíduo bilíngue: alguns conceitos

Para muitos autores, dentre eles Mackey (1972), Romaine (1995) e Altenhofen (2002), o estudo do bilinguismo é importante na linguística, porém é difícil conseguir eleger apenas um conceito que defina o indivíduo bilíngue.

Romaine (1995) destaca que um dos primeiros autores a estudar o bilinguismo foi Bloomfield⁴, para o qual o indivíduo bilíngue precisa ter um controle de línguas semelhante à do nativo. A autora também apresenta a posição oposta de Haugen (1953, p. 7), que destaca que bilíngue é qualquer indivíduo capaz de produzir enunciados completos significativos em duas línguas. Da mesma forma, Oliveira (2006, p. 22) destaca Macnamara (1969), que descreveu o bilinguismo como sendo a habilidade mínima de falar, ouvir, ler ou escrever numa língua não-materna.

Já Mackey (1972) destaca que o bilinguismo não é um fenômeno da língua, é característico da sua utilização, assim não pertence ao domínio da língua, mas sim da fala, do indivíduo. O autor afirma que o bilinguismo é relativo, visto que é arbitrário ou impossível determinar o ponto exato em que o falante de uma segunda língua se torna bilíngue. Assim, o bilinguismo é o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo.

Mackey (1972) ainda apresenta quatro questões para descrever os indivíduos bilíngues: grau, função, alternância e interferência. O “grau” refere-se à proficiência, ao conhecimento do indivíduo sobre as línguas em questão, assim, o conhecimento das duas línguas não precisa ser igual em todos os níveis linguísticos. O indivíduo pode, por exemplo, ter um amplo vocabulário em uma das línguas e apresentar uma pronúncia mais próxima a sua primeira língua. A “função” consiste no uso e nas condições em que o indivíduo faz uso das línguas, sendo que estas podem ser externas (usos externos da língua, como casa, comunidade, escola, mídias, etc.) ou internas (partem do indivíduo, como o cognitivo, memória, atitude, motivação, etc.). A “alternância” visa perceber como e com que frequência e condições o indivíduo alterna de uma língua para

⁴ BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: H. Holt and Company, 1933.

outra. A “interferência” refere-se a como uma língua influencia e interfere na outra, ou seja, é o uso de características de uma língua ao falar ou escrever outra. Com isso é possível perceber que os indivíduos bilíngues se constituem de diferentes níveis e características.

Auer (1984) sugere que o fator que torna uma pessoa bilíngue não é a proficiência, mas o uso de duas línguas em atos comunicativos. Appel e Muysken (1987) preferem assim a definição de Weinreich (1953) que diz que a prática do uso alternativo de duas línguas é chamado bilinguismo e as pessoas envolvidas, bilíngues. É o conceito que abordaremos quando nos referirmos a sujeitos bilíngues.

3. Contextualização do estudo

Serviram de amostra para este trabalho falas de indivíduos bilíngues do município de Áurea, localizado no norte do Rio Grande do Sul. Atualmente sua população total é de 3.665 pessoas, segundo dados do IBGE (2010). Devido aos traços culturais e costumes herdados e mantidos pelos descendentes de imigrantes poloneses, o município é um grande referencial dessa cultura no Brasil.

Atualmente o município preocupa-se em manter a cultura polonesa, incentivando e mantendo um grupo de danças folclóricas (*Aurésóvia*), e a tradicional e anual festa Nacional da *Czarnina* (prato típico polonês). Para resgatar a história dos antepassados, conta com o museu, a casa do imigrante, e a igreja construída pelos próprios imigrantes e descendentes poloneses, cuja padroeira é Nossa Senhora de *Częstochowa*, padroeira da Polônia. Missas continuam sendo rezadas na língua polonesa com certa regularidade, mas a língua portuguesa está tomando espaço. Há também o incentivo na manutenção da língua polonesa por parte do município, que introduziu o ensino da Língua Polonesa no currículo da escola municipal. Acredita-se que, com esse ato, consigam plantar uma pequena semente de esperança na preservação da variedade polonesa e que, com isso, consigam mostrar um pouco do valor de ser bilíngue.

A partir de 1915 as aulas nas escolas eram ministradas no idioma polonês. Porém, diversos fatores mudaram essa situação: a Era Vargas, na década de 30, que proibiu a comunicação, propagação e divulgação nas línguas minoritárias e, devido às perseguições e punições sofridas pelos falantes de variedades de imigração, instituiu o medo de falar a variedade na escola, por exigências superiores, tornou o ensino monolíngue e, de certo modo, gerou o preconceito e o estigma contra as línguas de imigração, dando espaço à língua estrangeira moderna, o inglês. Outros fatores também colaboraram para a substituição das

línguas minoritárias pela língua portuguesa. Destacam-se a expansão e a facilitação do acesso às multimídias (rádio, TV, internet, telefone etc.) todas em língua portuguesa, a crescente urbanização e emancipação de novos municípios a partir do ano de 1980 trazendo a necessidade de contratar mão de obra qualificada não existente no município, sem contar com a falta de conscientização por parte dos falantes sobre os benefícios do bilinguismo, fizeram com que muitos pais deixassem de ensinar a variedade aos filhos, para que eles não sofressem o preconceito que eles sofreram.

Dessa forma, existem muitos descendentes de imigrantes poloneses que não chegaram a adquirir a língua dos pais ou que, na denominação científica, são rotulados como “bilíngues passivos”, ou seja, tiveram contato com a língua, mas não aprenderam a falar a língua de origem. Pertile (2009), em seus estudos sobre descendentes de italianos no Brasil, destaca que a perda total da língua de imigração se dá principalmente na 5ª geração, porém a perda da língua minoritária, como língua materna, já acontece na 4ª geração, quando seus usuários já não a falam mais, mas ainda a entendem, ou seja, tornam-se bilíngues passivos da variedade. A partir das observações feitas em Áurea, esse fato fica bastante claro, pois constata-se que a variedade da língua polonesa vem sendo usada cada vez menos. Foi possível perceber em Áurea, que pessoas de gerações mais velhas, em ambientes familiares e conversas informais ainda fazem uso da língua, mas quando se trata de assuntos mais específicos, a variedade de imigração perde espaço para a variedade oficial do país, o português. Outro fator, analisado nas pesquisas com descendentes de alemães e italianos de Krug (2004), e que também é observado em Áurea, é em relação ao grau de isolamento do local de residência do falante. Geralmente as pessoas que vivem no meio rural, mais isoladas, são as que mais mantêm a variedade enquanto que as que vivem no meio urbano aderem mais ao uso da variedade oficial do país.

A partir desse breve histórico sobre o local do estudo, percebe-se a importância em analisar fenômenos na fala dos indivíduos bilíngues que neste local vivem. A importância reside tanto no fato de documentar a variedade⁵ e, automaticamente, auxiliar na divulgação da existência dessa variedade, quanto em apoio a questões culturais, de preservação e de auxílio na diminuição do preconceito e estigmatização perante a mesma.

⁵ O que já vem acontecendo com a coleta de dados para o Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, que busca não somente resgatar e documentar a língua, como também, parte da cultura de comunidades bi-plurilíngues nas fronteiras dos três estados do sul do país com o Uruguai, Argentina e Paraguai.

3.1 Amostras de falas polono-brasileiras: metodologia e participantes da pesquisa

De acordo com o que foi exposto, a metodologia para a posterior análise de dados consiste na observação de falas entre mãe (2ª geração de descendentes de poloneses – 74 anos) e filha (3ª geração de descendentes de poloneses – 49 anos). Confirmando o que foi relatado acima, não foi possível coletar dados com gerações mais jovens, visto a dificuldade em encontrar pessoas de 4ª ou 5ª gerações (mais novas) que ainda usam a variedade minoritária como código de comunicação. Acredita-se que poucos indivíduos dessas gerações mais jovens dominem as duas variedades, mas não as utilizem nas interações diárias. O levantamento dos dados aconteceu em ambiente familiar, a partir de conversas informais e espontâneas, o que permite uma maior veracidade da fala habitual do dia a dia desses indivíduos bilíngues, permitindo, com isso, perceber claramente o *code-switching* em seus eventos comunicativos.

Poplack (2004) destaca que as amostras dos discursos de *code-switching* devem ser obtidas a partir de membros da comunidade, em quantidades suficientes, para detectar padrões recorrentes de comportamento e discurso. No entanto, em se tratando de um projeto em fase inicial e de testes, previu-se a fala de duas pessoas para a amostra, com 15 minutos de fala espontânea gravada e transliterada em arquivo digital. Desses 15 minutos, analisamos 22 frases, sendo 13 frases realizadas pela participante 74 e 09 frases realizadas pela participante 49. Nesse tempo, as participantes da pesquisa abordaram os mais diversos temas, que nos permitem ver, por exemplo, a existência de vocabulário específico na variedade minoritária dentro de cada tema, ou quando da inexistência de vocabulário, houve o empréstimo e a “poloneização” do vocábulo ou se ocorreu o *code-switching*.

A participante de 74 anos teve a língua polonesa como sua língua materna, aprendeu o português na escola. Dessa forma, em contextos familiares e informais usa a língua polonesa. Casou-se com descendente de poloneses, e continuaram a conversar preferencialmente na língua polonesa. Tiveram cinco filhos, entre eles a participante de 49 anos, que teve as duas línguas, a polonesa e a portuguesa como línguas maternas. Sua escolarização se deu em português. Casou-se também com descendente de poloneses, e as conversas informais aconteciam nas duas línguas, polonesa e portuguesa. Com seus filhos falam somente em português, que são monolíngues nessa língua ou bilíngues passivos. Atualmente as duas participantes usam as duas línguas, a polonesa quando conversam entre si, com familiares que tem aproximadamente mesma idade e com vizinhos e amigos que falam a língua, e é nessas

conversas que ocorre o *code-switching*. Com as pessoas mais novas (filhos e netos) e pessoas menos conhecidas ou que não saibam a língua polonesa é usada somente a língua portuguesa.

4. *Code switching*: análise e resultados

Oliveira (2006), usando as palavras de Romaine (1989), define que o termo “código”, em inglês “*code*”, é usado para referir-se às línguas diferentes, além de variedades da mesma língua. Nesse artigo, será abordado o uso de variedades de diferentes línguas, a variedade da língua polonesa e a variedade da língua portuguesa local, visto que, segundo Coseriu (1982) não falamos a língua como tal, ela se realiza através de suas variedades.

Quanto à escolha de códigos, Oliveira (2006) cita os três fatores destacados por Fishman (1965)⁶: o pertencimento ao grupo (idade, sexo, raça e religião), a situação ou ambiente (participantes, ambiente físico, funções e estilo do discurso) e o tópico (causa fundamental na escolha linguística, permitindo optar por diversas línguas ao tratar de tópicos diferentes). Assim, Oliveira (2006), referindo-se a Poplack (1980), destaca que os falantes não escolhem um único código em detrimento de outro, mas podem mudar sua escolha durante a interação, ou até usar o *code-switching* como um modo de discurso, alternando entre os códigos e caracterizando como tal seu discurso, refletindo sua dupla identidade étnico-cultural e linguística.

Dessa forma, pode-se observar no exemplo de *code-switching* da amostra, Exemplo 1, que retrata bem esse fenômeno, ou seja, a participante 49 inicia em português, passa para o polonês e retorna ao português três vezes na mesma frase. A participante 74 faz isso em frases distintas. Nota-se ainda, pensando na questão bilíngue, que alguns vocábulos, possivelmente deixaram de ser usados na variedade polonesa e foram incorporados do português, como por exemplo, mensagem, proveniente do uso de telefone celular, gelo, calmante, remédio e varizes. Outras permaneceram com o radical português e foram acrescidas de um sufixo polonês, como no caso de *ligowala*, do verbo “ligar”, acrescido de sufixo indicando o tempo e o modo verbal.

Exemplo 1:

49 – Ah, ontem Maria me *ligowala na wieczór*, *bo ja* mensagem mandei, de feliz ano novo, *i me ligowala i gadala*, se *queixowala* que *tak ta noga boli*.⁷

⁶ FISHMAN, J. A. Who speaks what language to whom and when? *La Linguistique*. V. 2, p. 67-88, 1965.

⁷ As falas na variedade polonesa estão destacadas em itálico. As conversas são diálogos que estão identificados com a idade do informante que o proferiu.

74 - *Ale nie przyszli...*

49 – *Ale não é... Nona jeszcze mandou ela colocar álcool że coś, ale mówila że, ale już tak bolało i zaczyna gelo kłaść e melhorou.*

74 – Ah, com gelo...

49 – Só que toma calmante, com quatro horas *już musisz stawać* tomar calmante. *Ona mówila że* ela ainda acha que é varizes, daí ontem, na véspera de Ano Novo, *Jane pojechała tam i ona kazala w farmacje w kupila* remédio, *i ona wzina, i ona zaczyna pić te* remedie *i mówila zobaczy z poniedziałek* como vai ficar. Que ela ainda acha que isso é das varizes.

74 – Pode...⁸

Tradução:

49 – Ah, ontem a Maria me ligou de tarde, porque eu mandei uma mensagem, de feliz ano novo, e me ligou e falava, se queixava que assim lhe dói a perna.

74 – Mas não vieram...

49 – Mas não é... A ‘nona’ ainda mandou ela colocar álcool ou sei lá o que, mas ela disse que doía tanto e começou a colocar gelo e melhorou.

74 – Ah, com gelo...

49 – Só que toma calmante, com quatro horas já precisa levantar tomar calmante. Ela disse que ainda acha que é varizes, daí ontem, na véspera de Ano Novo, a Jane foi lá e ela mandou ir à farmácia comprar remédio, e ela pegou, e ela começou a tomar o remédio e disse que vai ver até segunda-feira como vai ficar. Que ela ainda acha que isso é das varizes.⁹

Neste exemplo é possível perceber a ocorrência da alternância, ou seja, o *switching*, entre as duas variedades, a polonesa e a portuguesa.

Após ter em mente o que é o *code-switching*, torna-se necessário perceber como alguns autores classificam o fenômeno. Lüdi (2004) destaca que a maioria dos especialistas concorda que o *code-switching* bilíngue é governado por regras gramaticais, porém suas opiniões divergem. Uma parte da literatura científica oferece exemplos e contra-exemplos que fornecem elementos a favor ou contra uma ou outra explicação. Poder-se-ia arriscar e dizer que teremos uma gramática própria da variedade em contato, que mescla vocabulário e elementos sintáticos de ambas as variedades formando assim, uma nova gramática da Língua Polonesa Brasileira, como ilustrada nos exemplos 1 e 2. Resta saber se essa nova conjuntura linguística também é entendida e cultivada em outras cidades de língua e cultura polonesa e se os falantes dessas cidades, mesmo sem terem nunca entrado em contato, conseguem se entender.

⁸ Na transcrição dos diálogos observados é importante ressaltar que a variedade polonesa em estudo é uma variedade oral, e muitas vezes difícil ou até impossível de ser transcrita de acordo com a norma escrita da língua polonesa.

⁹ Tentamos fornecer uma tradução mais próxima possível da fala, porém, em alguns momentos, foi necessário adaptá-la para que pudesse ser compreensível e oferecer uma visão geral do assunto tratado.

Usando a distinção dos três tipos de *code-switching* de Poplack (1980), Macswan (2004) destaca a ocorrência de *code-switching* intrassentencial, que acontece dentro da sentença, e de *code-switching* intersentencial, que ocorre entre as sentenças. Como exemplo do primeiro caso, pode-se observar o exemplo 1, apresentado anteriormente, no qual ocorreu o *code-switching* várias vezes na mesma sentença. O segundo caso, de *code-switching* intersentencial é apresentado nos exemplos 2 e 3:

Exemplo 2:

74 – Era picada de aranha, porque começou a escorrer água. *Stary mówile to prędko na konsultacja, wiedzą co stary przyszłe... nie?* E a Maria também vinha que tinha a picada no pé, quase não aguentava de dor...

Tradução:

74 – Era picada de aranha, porque começou a escorrer água. Os velhos¹⁰ disseram para ir rápido consultar, sabem o que os velhos passaram... não? E a Maria também vinha que tinha a picada no pé, quase não aguentava de dor...

Exemplo 3:

74 – *Masz tego tkanina na zrobić costure, bo ja nie mam...*

49 – Ah, tenho um monte lá... Depois eu trago.

Tradução

74 – Tens aquela linha para fazer costura, porque eu não tenho...

49 – Ah, tenho um monte lá... Depois eu trago.

Nesses exemplos 2 e 3 é possível perceber que a alternância ocorre entre as sentenças. Não ocorre a alternância dentro da mesma frase. Alguns autores destacam que esse tipo de *code-switching* não exige tanto domínio dos falantes quanto exige o *code-switching* intrassentencial. Veja-se que as informantes 74 e 49 têm pleno domínio do tema, porém a 49 não faz uso do polonês. Esse é um fator que faz pensar e pressupor a perda da variedade linguística minoritária por parte dos mais jovens.

Os mesmos tipos de *switches* são também destacados por Appel e Muysken (2005) que acrescentam ainda o *tag-switching*, que envolve uma exclamação, uma conjunção, um *tag* em

¹⁰ A palavra polonesa *stary*, cuja tradução ao português é “velhos”, “antigos”, na variedade polonesa do local estudado é usada para referir-se às pessoas mais velhas de uma família, como aos avós. Fato semelhante é encontrado nas pesquisas do ALMA-H em que “de Alte” significa pai ou avô e não velho o que podemos pressupor que venha do português “meu velho” designando o pai.

outra língua diferente do resto da frase. Nos exemplos 4 e 5 percebe-se que a frase foi falada na variedade portuguesa, porém com *tags* na variedade polonesa.

Exemplo 4:

74 - Já é um susto, *nie*? E depois com esse filho, o que eles passaram...

Tradução:

74 - Já é um susto, não? E depois com esse filho, o que eles passaram...

Exemplo 5:

49 - Sim, eu acordei era seis e pouquinho, virei pro lado, dormi, daí escutei a nona, *ale* até que levantei...

Tradução:

49 - Sim, eu acordei era seis e pouquinho, virei pro lado, dormi, daí escutei a 'nona', mas até que levantei...

No exemplo 4 a palavra *nie* equivale ao advérbio negativo “não” em português, usado aqui como uma pergunta, que equivale a um marcador discursivo. No exemplo 5, a palavra *ale* é uma conjunção, que traduzida para a variedade portuguesa, equivale à conjunção adversativa “mas”. Já no exemplo 6, a conversa aconteceu na variedade polonesa e o *tag*, ou seja, a exclamação aconteceu na variedade portuguesa.

Exemplo 6:

74 - Claro! *Jak już tak było*...

Tradução:

74 - Claro! Já era algo assim...

Percebe-se no exemplo 6 que houve a introdução da interjeição “claro” no discurso, não alterando em nada a estrutura da frase. Appel e Muysken (2005) destacam que por esse motivo, por não influenciarem a estrutura da sentença, os *tags*, como interjeições, exclamações e a maioria dos advérbios podem ser facilmente *switched*. Eles requerem pouco ou nenhum conhecimento da língua.

Os autores Appel e Muysken (2005) destacam também que o *code-switching* intrassentencial é muitas vezes chamado de *code-mixing*. Dessa forma o *code-mixing* é definido como a alternância de duas ou mais línguas dentro de uma frase. Para Moradi (2004) o *mixing* é fluente, rápido e sem marcas de hesitação. O *code-mixing* representa assim a realização da

capacidade de usar elementos de dois idiomas em uma única sentença, dado o contexto psico- e sociolinguístico adequado para a utilização de mais de uma língua. Para vários autores, apenas o *code-mixing* requer a integração das regras das duas línguas envolvidas no discurso, exigindo assim maior domínio e proficiência de ambas as línguas.

Porém, as ideias de King e Mackey (2007) divergem ao referir-se a esses termos. Para os autores, o *code-mixing* refere-se à mistura provocada pelo pouco domínio das duas línguas em contato. Revelam que é uma fase comum e de curta duração no desenvolvimento bilíngue, ou seja, é o que os alunos fazem quando estão adquirindo dois idiomas e resulta da falta de domínio, enquanto que o *code-switching* é um tipo específico de *code-mixing*, comumente utilizado por bilíngues adultos e serve como um importante recurso comunicativo e estratégico para expressar vários tipos de significados.

Assim, fica clara a divergência da conceitualização do termo *code-mixing*. Enquanto para a maioria dos autores estudados, entre eles Poplack (2004), o *code-switching* intrassentencial ou *code-mixing* é o tipo mais complexo e os falantes são os mais proficientes em ambas as línguas, King e Mackey (2007) o caracterizam pela falta de proficiência.

É importante lembrar que alguns estudiosos diferenciam esses termos, associando o *code-mixing* para a base intrassentencial e *code-switching* para a base intersentencial, enquanto alguns usam o termo *code-switching* como único.

Neste artigo, optou-se por estudar o *code-mixing* como o *code-switching intrassentencial*, desconsiderando as ideias de King e Mackey (2007), visto que nas amostras de bilíngues polono-brasileiros o *code-switching* não é produzido em fase de aprendizagem de idiomas, mas por adultos que têm domínio das duas línguas. As amostras contrariam em partes a exposição de Muysken (2011) que diz que em comunidades de imigrantes, os *switchers* bilíngues são frequentes na segunda geração, geralmente entre 12 e 25 anos de idade, e que diminui de intensidade durante a vida adulta. Na comunidade em estudo, os falantes da variedade polonesa são falantes mais velhos, as pessoas entre 12 e 25 anos ou são ‘bilíngues passivos’, como destaca Pertile (2009) ou nem chegaram a conhecer a variedade de imigração do país de origem.

Talvez um fator para explicar esse não uso da língua pelas gerações mais novas seja o prestígio, como destaca Poplack (2004). A variedade polonesa é uma variedade linguística de imigração, que carrega o estigma de minoritária e sem prestígio, usada principalmente pelas pessoas que a tiveram como língua materna ou como segunda língua desde a infância, ou seja,

as gerações mais velhas. Além disso, também é taxada como a língua dos colonos, o que vem ao encontro de que a preservação da variedade se dá no isolamento.

Muysken (2011) destaca também que a ocorrência de *switchers* é frequente em grupos de conversas informais, sem a presença de estranhos e acerca de termos comuns, o que se comprovou a partir das observações.

No Exemplo 7, está apresentado um exemplo de *code-mixing*:

Exemplo 7:

74 - *A dzisiaj sama nie wiem jaka wziąć, sie te sama saia wziąć, dobra pra passear, bo taka próżna...*

49 - *Ta długa?*

74 - *Ta teme babadamie, czarna.*

49 - *A tá, aquela, só que vai ter que pegar algum protetor, algum creme bo to muchy będzie pożerać...*

74 - *Ja mam protetor, ale jest śmierdzący.*

49 - *Ale, senão, creme algum...*

74 - *Creme algum smarui.*

49 - *Ale teria que levar também...*

Tradução:

74 - Hoje sozinha não sei qual pegar/vestir¹¹, se a mesma saia vestir, boa para passear, porque é leve...

49 - Aquela comprida?

74 - Aquela com babadinhos, preta.

49 - A tá, aquela, só que vai ter que pegar algum protetor, algum creme porque as moscas vão devorar...

74 - Eu tenho protetor, mas é malcheiroso.

49 - Mas, senão, creme algum...

74 - Usarei algum creme.

49 - Mas teria que levar também...

No exemplo 7 é possível observar como o *switching* ou *code-mixing* acontece dentro das sentenças, alternando entre as duas variedades várias vezes. Muysken (2011), em relação às perspectivas gramaticais, classifica os *switches* de acordo com o local em que eles ocorrem na conversa. O autor, além do *tag* extrassentencial (*tag-switching*) e do *code-switching* intersentencial, sugere subcategorias do *code-switching* intrassentencial apresentadas como:

¹¹ A palavra *wziąć* é traduzida como “pegar”, porém, aqui, na variedade em estudo, a mesma foi usada no sentido de “vestir”, “usar”.

“única palavra”, que envolve apenas um único elemento *switched* (exemplo 8); e “palavra interna”, quando o *switched* ocorre internamente na palavra, como destacado no exemplo 9.

Exemplo 8:

74 - *Ja gdzieś mam tak plástico dluge to kiedy arbuzy nakrywała jak zawinąłam i włożyłam i nie mogę znaleźć.*

Tradução:

74 – Eu tenho em algum lugar um plástico grande de quando cobria melancia, mas enrolei e coloquei em algum lugar e não posso encontrar.

Neste exemplo percebe-se que a fala acontece na variedade polonesa, porém ocorre o *switched* de uma única palavra “plástico” da variedade portuguesa. Esse fato aponta também para um possível desconhecimento do termo na variedade de imigração.

Exemplo 9:

49 - [...] *me ligowała i gadała, se queixowała que tak ta noga boli.*

Tradução:

49 – [...] me ligou e falava, queixava-se que assim lhe dói a perna.

O exemplo 9 é teorizado por Appel e Muysken (2005) como o *switching* que acontece na morfologia da palavra. Ocorre a introdução de um morfema que serve para nativizar uma palavra. Nas duas palavras acima, *ligowała* e *queixowała*, tem-se a raiz da palavra na variedade portuguesa “lig” do verbo ligar e “queix” do verbo queixar, acrescidos de um sufixo na variedade polonesa, indicando o pretérito na 3ª pessoa do singular. Esse fenômeno é muito comum em verbos e também em nomes, como no exemplo 10:

Exemplo 10:

74 – *No to, me patrzymy ile te batatoch w brotamy tam, [...]*

Tradução:

74 – Então, nós olhamos quanto (custavam) as batatas com brotos, lá, [...]

Aqui percebe-se que o mesmo fenômeno ocorreu com os nomes *batatoch* e *brotamy*, nas quais a raiz das palavras “batat” da palavra “batata” e “brot” da palavra “broto” estão na variedade portuguesa e o sufixo na variedade polonesa. É necessário ressaltar que a variedade polonesa falada no sul do Brasil é a variedade que os imigrantes trouxeram para o Brasil, na

época da colonização, ou seja, há mais de um século. Porém, sabe-se que o mundo e as línguas evoluíram muito nesse tempo, com isso, aquele vocabulário passou a ser limitado, pois foram surgindo novos objetos que precisavam ser nomeados e não havia palavras na língua de imigração. Dessa forma, palavras da variedade portuguesa precisaram ser incorporadas ao idioma de origem, ou as pessoas passaram a nativizar essas palavras usando a raiz da palavra em um idioma anexando a ela um sufixo de outro.

Hamers e Blanc (2004) também apresentam duas principais abordagens para o *code-switching* intrassentencial: a inserção e a alternância. Na inserção, segundo Muysken (2011), há uma única língua matriz ou base, em que os elementos ou componentes de outra língua são inseridos sem afetar a estrutura geral da base. Esse tipo de *switching* é assimétrico, pois existe um idioma base. A seguir são apresentados mais dois exemplos. O exemplo 11 apresenta como língua base a variedade polonesa com a inserção de um elemento na variedade portuguesa. Já o exemplo 12 apresenta a variedade portuguesa como língua matriz e há inserção de componentes da variedade polonesa:

Exemplo 11:

74 - *Tam ma... ma... chaminé uciqé kawalek e João tam wiesz...*

Tradução:

74 – Lá tinha... tinha... que cortar um pedaço da chaminé, o João sabe lá...

Exemplo 12:

49 - *Ja mówilam*: Como é que tá o preço das melancias? Ele disse que tá cara, um e noventa e nove o quilo, *mówil* que ano passado essas melancias aqui a gente vendia por dez ‘pila’, agora, vinte e dois, vinte e três.

Tradução:

49 – Eu disse: Como é que tá o preço das melancias? Ele disse que tá cara, um e noventa e nove o quilo, disse que ano passado essas melancias aqui a gente vendia por dez ‘pila’, agora, vinte e dois, vinte e três.

Já a alternância também ocorre dentro da sentença, porém com mais elementos. Existe uma transição completa de uma língua para outra. Esse tipo de *switching* é simétrico, segundo Muysken (2011). Esse fenômeno foi bem representado nos exemplos 1 e 7 – que ilustram a ocorrência do *code-switching* várias vezes na mesma sentença -, assim como no exemplo 13:

Exemplo 13:

49 - Parecia com aquela muda de copo-de-leite... Isso tinha que comprar a batata e depois ia ter...

74 – *No to, me patrzymy ile te batatoch w brotamy tam, ale* quarenta e cinco, cinquenta reais.

49 – Meee...

74 – Na mercado, *ale tam zawieszony i już brota widać, ma wiele* batatkie, tudo que é qualidade, é de ficar louco...

49 – Teraz?

74 – Teraz, com Lia, *patrzałam, mówię*, meu Deus...

49 – Lá no mercado?

74 – No mercado, *ale tak, tak i na obok to same wiszą, gente, tam rośnie też i nie sprzedadzo, bardzo drogie bo...*

49 – Se estraga muito, né? Deviam fazer mais barato que iam vender mais...

Tradução:

49 - Parecia com aquela muda de copo-de-leite... Isso tinha que comprar a batata e depois ia ter...

74 – Então, nós olhamos quanto (custam) as batatas com brotos lá, mas quarenta e cinco, cinquenta reais.

49 – Meee...

74 – No mercado, mas estão pendurados e já se veem os brotos, tem muitas batatas, tudo que é qualidade, é de ficar louco...

49 – Agora?

74 – Agora, com Lia, olhávamos, eu disse, meu Deus...

49 – Lá no mercado?

74 – No mercado, mas assim, assim e nos lados os mesmos estão pendurados, vão crescer lá e não vão vender, porque é muito caro...

49 – Se estraga muito, né? Deviam fazer mais barato que iam vender mais...

Aqui se percebe que há uma transição completa de uma língua para outra na maioria dos casos expostos no exemplo. A alternância entre as duas variedades acontece várias vezes na mesma sentença.

Hamers e Blanc (2004) ressaltam que entre o *code-mixing* e o *code-switching* existe um *continuum*. Aquele, assim como este, é uma estratégia de comunicação, mas deve ser possível distinguir os pedaços monolíngues das duas línguas que se alternam. Assim, os autores ressaltam que nem sempre é fácil distinguir o *code-switching* do *code-mixing*. Ambos podem ser códigos específicos do bilíngue, que lhe permite expressar atitudes, intenções, papéis e se identificar com um grupo particular.

Também Hamers e Blanc (2004) assim como Appel e Muysken (2005) destacam a necessidade de distinguir o *code-switching* ou *mixing* de empréstimo. O empréstimo é historicamente transmitido e integrado à língua destinatária, e segundo Saussure, envolve a integração de duas línguas ao nível da *lange* enquanto o *code-mixing/switching* envolve a

integração ao nível da *parole*, além de ser menos espontâneo, afetando todos os níveis da estrutura linguística simultaneamente.

Moradi (2014) distingue o *code-switching* de interferência, considerando o primeiro como um comportamento voluntário, no qual o bilíngue fluente tem controle sobre ele, enquanto a interferência, devido à influência de um sistema linguístico ou língua ocorre involuntariamente.

Ainda Muysken (2011) introduz a distinção de Blom e Gumperz, entre *switching* situacional e metafórico. No *switching* situacional a mudança de língua é determinada por fatores externos para o falante, como um novo interlocutor que entra na conversa e um novo tema introduzido. No *switching* metafórico é o próprio falante que cria o *switching* e alterna entre dois idiomas. Essa distinção se torna difícil de aplicar e explicar a partir das amostras e observações apresentadas, visto que as falas foram observadas na mesma situação, os interlocutores foram os mesmos e os temas foram sempre conversas informais. No caso de Áurea, o que seria possível acontecer, caso as participantes fossem interrompidas por um novo locutor, mais jovem ou mais estranho, que não domine a variedade polonesa, pressupomos que este faria com que as participantes pudessem inibir o *switching* e também a língua minoritária, tornando o discurso monolíngue na variedade portuguesa.

O *code-switching* também pode ser motivado pela necessidade. Como exemplificam Myers e Scotton (1998), se entre imigrantes e descendentes, a primeira língua cai em desuso e os falantes não conseguem mais falar bem o suficiente para construir quadros gramaticais para transmitir suas ideias e intenções, o *code-switching* torna-se uma estratégia de discurso de necessidade. Esse é também o caso da variedade polonesa no local observado. Cada vez mais a língua está caindo em desuso, e como ressaltado antes, faltam palavras para expressar todas as intenções. Nas amostras observadas, percebe-se que o *code-switching* acontece naturalmente, espontaneamente na maioria dos casos, como uma estratégia comunicativa, e acredita-se que seja um marcador de identidade e adesão ao grupo étnico.

5. Considerações finais

A partir da análise realizada com amostras de fala de polono-brasileiros bilíngues do município de Áurea/RS, respondeu-se positivamente ao objetivo inicial, no qual foi possível verificar muitos casos de *code-switching*, embasando-os nas teorias estudadas, além de classificá-los de acordo com as teorias expostas pelos diversos autores estudados. Também foi

uma forma de documentar a variedade usada no local, e com isso auxiliar na divulgação da existência da variedade, e apoiar as questões culturais de preservação e auxílio na diminuição do preconceito e estigmatização perante a mesma. A partir de observações cotidianas, acreditava-se na hipótese de que o *code-switching* seria um fato recorrente na fala desses indivíduos, o qual foi confirmado com as amostras observadas, expostas e analisadas.

Sabe-se que os estudos linguísticos relacionados à variedade polonesa local são escassos ou inexistentes. Dessa forma, este estudo pioneiro torna-se relevante, primeiramente para mostrar que essa variedade minoritária ainda é usada no Sul do Brasil e especificamente na localidade pesquisada, e que merece estudo e atenção; segundo, para perceber que fenômenos como o *code-switching* bilíngue são recorrentes em situações de contato linguístico de qualquer que sejam as línguas e variedades, e a melhor maneira de comprovar isso é através de exemplos empíricos, exemplos de fala reais nas variedades em estudo.

Cabe destacar aqui que a variedade em estudo é uma língua minoritária, que, como já foi mencionado, vem sendo usada cada vez menos, persiste ainda nas gerações mais velhas, que tiveram a variedade como língua materna, ou cuja língua foi usada em sua infância. Também é importante mencionar que a variedade veio como herança dos imigrantes há mais de um século e evoluiu tomando da língua portuguesa seus empréstimos nos quesitos de modernidade e tecnologia. Dessa forma, a variedade tornou-se insuficiente para expressar todas as ideias, intenções e todos os objetos existentes hoje. Outro exemplo relevante que ocorreu nas entrevistas foi o fato de em nenhum momento as participantes utilizarem a nomenclatura numérica na variedade polonesa, sempre em português. Isso aponta que o grau de aportuguesamento dos polono-brasileiros nesse quesito já está bastante avançado, visto que se trata de duas informantes com 49 e 74 anos de idade.

Com isso a variedade, ou vem sendo substituída totalmente pela variedade portuguesa, ou a variedade polonesa integra termos da língua portuguesa para que os falantes consigam exercer satisfatoriamente a função da comunicação. E nessa integração de línguas, o *code-switching* é frequentemente encontrado, seja pela falta de vocabulário, pelo esquecimento devido ao uso cada vez menor da variedade ou como uma estratégia comunicativa, um marcador de identidade e pertencimento ao grupo étnico. É difícil inferir o motivo exato da ocorrência do fenômeno, acredita-se que seja uma soma de todos eles.

Referências Bibliográficas

ALTENHOFEN, C. V. O conceito de língua materna e suas implicações para o bilinguismo (em alemão e português). In: **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002. [ISSN 1677.051X] www.ipol.org.br/ler.php?cod=94. Acesso em 01 de setembro de 2015.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. Code switching e code mixing. In: **Language Contact and Bilingualism**. Amsterdam Academic Archive, 2005, p. 117-128.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Language Contact and Bilingualism**. London: Edward Arnold, 1987.

AUER, P. **Bilingual conversation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984. **crossref** <https://doi.org/10.1075/pb.v.8>

BLOM, J.-P.; GUMPERZ, J. J. Social meaning in linguistic structure: code-switching in Norway." Repr. in GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (eds.) **Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972, pp. 407-34

COSERIU, E. **Sentido y Tareas de la Dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1982.

HAMERS, J. F.; BLANC, M. H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. Second edition. Cambridge University Press; 2004

HAUGEN, E. **The Norwegian language in America: a study in bilingual behavior**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1953.

KING, K.; MACKEY, A. **The bilingual Edge**. Why, When and How to teach your child a second language. New York, NY, 2007. 1ª ed.

KRUG, M. J. **Identidade e comportamento lingüístico na comunidade plurilíngüe alemão-italiano-português de imigrante - RS**. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LÜDI, G. Code-Switching. In: AMMON, U. et al. (Ed). **Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society**. 2. ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2004. p. 341-350. v. 1.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. (ed.). **Reading in the sociology of language**. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584

MACNAMARA, J. How can one measure the extent of a person's bilingual proficiency? In: KELLY, L. G. (ed.) **Description et mesure du bilinguisme: an international seminar**. University of Moncton, June 6-14, 1967. Toronto: University of Toronto Press, 1969. p. 80-97.

MACSWAN, J. Code Switching and Grammatical Theory. In: BHATIA, T.; RITCHIE, W. C. **The handbook of bilingualism**. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 283-311

MORADI, H. A Survey on Code-Mixing, Code-Switching, Language Alteration and Interference. **Indian Journal of Applied Research**, Keywords, 2014. V.4. Disponível em: http://www.worldwidejournals.com/ijar/file.php?val=October_2014_1412596499_192.pdf Acesso em 02 de dezembro de 2015.

MUYSKEN, P. Code-mixing. In: AUER, P; WIE, L. (eds.). **Handbook of multilinguism and multilingue communication**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2007. p. 315-339.

MUYSKEN, Pieter. Code-switching. In: MESTHRIE, Rajend. **The Cambridge Handbook of Sociolinguistics**. Cambridge University Press. 2011, p. 301-314.

MYERS-SCOTTON, C. Code-switching. In: COULMAS, F. **The Handbook of Sociolinguistics**. Blackwell, 1998, p. 149-162.

OLIVEIRA, R. S. P. de. **Code-switching: perspectivas multidisciplinares**. 2006. 161 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Curso de Pós Graduação em Letras. Rio de Janeiro, 2006.

PERTILE, M. T. **O talian entre o italiano padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho**. 2009. 248 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, curso de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2009.

POPLACK, S. Code-Switching. In: **Sociolinguistics/Soziolinguistik: An International Handbook of the Science of Language and Society**. Volume 1. 1. Teilband. De Gruyter. 2004. p. 589-596

POPLACK, S. Sometimes I'll start a sentence in Spanish y termino en Español: Toward a typology of code-switching. **Linguistics**, v. 18, p. 581-618, 1980. **crossref** <https://doi.org/10.1515/ling.1980.18.7-8.581>

ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

WEINREICH, U. **Languages in contact**. The Hague: Mouton, 1953.

Artigo recebido em: 30.06.2016

Artigo aprovado em: 05.10.2016